

“É só pra pessoas LGBTQTs isso daqui?”: a produção de espaços visíveis e abertos como formas de fazer política pela Casa 1¹

Jesser R de Oliveira Ramos
Mestrando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo
jesser.ramos3@gmail.com

Resumo: Localizada no Bela Vista, bairro central da cidade de São Paulo, a Casa 1 é um centro cultural e de acolhimento que recebe jovens LGBTQI+, entre 18 e 25 anos, expulsos de suas casas por seus familiares. Nos diferentes espaços do centro cultural são realizadas variadas atividades e atendimentos não apenas para os jovens LGBTQI+ acolhidos, mas também para a vizinhança, as crianças vizinhas, as pessoas em situação de rua e muitos outros públicos. Sendo assim, na feitura de seus espaços, a Casa 1 é composta por uma multiplicidade de pessoas, afetos, necessidades e demandas. Partindo de sua política de visibilidade e abertura, proponho nesse artigo discutir as relações que são estabelecidas entre a Casa 1 e as pessoas que frequentam seus espaços cotidianamente. O objetivo é i) mostrar como a fabricação de espaços visíveis e abertos envolve a Casa 1 em uma série de relações que extrapolam sua espacialidade e ii) descrever de que modo essa política implica a Casa 1 em relações de consideração, confiança e ajuda com sua vizinhança. Visibilidade e abertura operam uma política que conecta muitas pessoas à Casa 1 em meio a suas práticas e ações cotidianas e que expande sua existência para outros lugares. Uma política que, como pretendo argumentar, produz múltiplas alianças com o que está fora e que, como efeito disso, promove uma modo de agir plural e heterogêneo.

Palavras-chaves: Casa 1; Política de alianças; LGBTQI+; Espacialidades.

Abstract: Located in Bela Vista, central district of São Paulo, Casa 1 is a cultural and host center for LGBTQI + young people, aged between 18 and 25, expelled from their homes by their families. In the different spaces of the cultural center, various activities and enterprises are undertaken not only for young LGBTQI + youths, but also for the neighborhood, neighboring children, homeless people and other publics. Thus, in the making of its spaces, Casa 1 is composed of a multiplicity of people, affections, needs and demands. Starting from its policy of visibility and openness, I intend, in this article, discuss the relationships operating between Casa 1 and the people who frequent their spaces daily. The objective is to (i) show how the making of visible and open spaces involves Casa 1 in a series of relationships that go beyond its spatial area; and ii) describe how this policy commits Casa 1 in relationships of consideration, trust and help with its neighborhood. Visibility and openness operate a policy that connects many people in Casa 1 in their daily practices and actions and expands their presence elsewhere. A policy that, as I want to argue, produces multiple alliances with outsiders and, as a result, promotes a plural and heterogeneous way of acting.

Palavras-chaves: Casa 1; Politics of alliances; LGBTQI+; Spatialities.

1 As reflexões deste artigo são decorrentes de minha pesquisa de mestrado, em andamento, realizada no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Elas também se inserem nas discussões realizadas por pesquisadoras e pesquisadores vinculados ao Projeto de Auxílio Regular “O que faz o parentesco?” (processo: 2016/14775-0), coordenado por Ana Claudia Marques.

Introdução

São um pouco antes das dez da manhã de uma segunda-feira. Chego, cumprimento algumas pessoas conhecidas e abro a porta da sala para começar a trabalhar². Uma pequena sala repleta de roupas. Do lado esquerdo, uma grande quantidade de roupas femininas penduradas em cabides. No mesmo lado uma sapateira cheia de calçados. Do lado direito, roupas masculinas também penduradas, só que em menor quantidade. Junto às roupas desse lado, uma prateleira repleta de roupas infantis e algumas roupas de cama e toalhas de banho. No fundo da sala um banheiro com produtos de higiene pessoal (sabonetes, escovas de dente, pastas de dente e lâminas para barbear). Num espaço menor dessa mesma sala, um monte de sacos com roupas que vão sendo penduradas conforme as que estão nos cabides saem. Do lado de fora, pessoas sentadas na calçada ou encostadas debaixo das árvores conversando, esperando para escolherem suas roupas e receberem seus produtos de higiene, os *kits*³.

Varro o chão, recolho as roupas que caíram dos cabides e começo a pendurar algumas roupas que estão nos sacos. Procuro mais atentamente por roupas masculinas nos sacos. A maior parte dessas pessoas esperando são homens e a quantidade de roupas masculinas penduradas nos cabides são poucas ou quase nada. Depois de quinze minutos organizando o espaço, ergo totalmente a porta. Nesse momento a fila do lado começa a se formar e as pessoas passam a entrar uma de cada vez. Algumas vejo toda semana, outras me parece ser a primeira vez que vejo. São pessoas em *situação de rua*, que moram em albergues, que moram na vizinhança ou então que trabalham na região. Essa sala é um dos *espaços* que compõem a Casa 1, como descreverei mais abaixo, e ela *atende* tanto pessoas em situação de rua como toda a vizinhança.

Enquanto seu Luiz escolhia duas peças de roupa, fiquei na porta anotando o nome da próxima pessoa que entraria. Atrás dele um homem me perguntou: *isso daqui é só para quem é LGBT?*. Rapidamente um outro homem que estava atrás dele respondeu: *não, aqui é para todo mundo. Todo mundo pode pegar roupa aqui. É para nós que moramos na rua também*. Na mesma conversa, Alana, que também estava na fila, disse: *é ali em cima que é o lugar para quem é gay, lésbica e travesti como nós*. Alana se referia ao espaço de cima da Casa 1 onde está localizada a república de acolhimento que recebe jovens LGBTQI+, entre 18 e 25 anos de idade, que foram expulsos e expulsas de casa por suas famílias. Ela conhecia a república porque um amigo seu tinha ido morar ali. *Não é fácil ficar na rua, foi bom pra ele ter vindo morar aqui*, disse Alana.

Esse diálogo ocorrido na *sala do paliativo* entre as pessoas é uma imagem interessante para o que pretendo mostrar nesse artigo. No que se segue, pretendo argumentar, ainda que de modo muito modesto, que a Casa 1 faz políticas de aliança por meio de suas práticas cotidianas. Seguindo as reflexões de Judith Butler (2018) sobre a feitura dessas “políticas de alianças”, proponho mostrar como, por meio de uma política de *visibilidade* e *abertura*, produz-se uma multiplicidade de relações entre a Casa 1 e as pessoas que frequentam seus diferentes *espaços*. Como efeito dessa política, compreendo que a Casa 1 não estabelece apenas relações com o que é exterior a ela mas que também promove a feitura dos seus diferentes *espaços*. Nesse sentido, entendo a Casa 1 e seus diferentes *espaços* como uma composição conjugada por diferentes pessoas, desejos, necessidades e afecções. Composição feita em relações sutis e diárias. Relações em que a Casa 1 se alia com o que está fora ao mesmo tempo que constrói seus próprios *espaços*.

2 A condição pedida pelos organizadores da Casa 1 para que esta pesquisa acontecesse foi a minha colaboração como voluntário da Casa 1. Embora não pretenda discutir neste artigo essa minha posição, é imprescindível dizer que é por meio dessa condição que o desenvolvimento da pesquisa tem sido possível.

3 Utilizarei em itálico todos os conceitos, enunciados e expressões ditas pelas pessoas que estão diariamente na Casa 1. Em aspas duplas usarei conceitos antropológicos ou de outras literaturas utilizadas.

Como exposto na conversa entre as pessoas que estavam na fila da sala do paliativo, a Casa 1 tem diferentes espaços e além de ser uma república de acolhimento para os/as jovens LGBTQI+, é um centro cultural. Localizada na Bela Vista, região central da cidade de São Paulo, ela conta com três espaços físicos: o sobrado, onde o projeto foi implantado inicialmente, o galpão que foi inaugurado em outubro de 2017 e a Clínica Social iniciada no começo deste ano. No sobrado está localizado, na parte superior, a república de acolhida que recebe as pessoas que foram expulsas de casa por suas famílias. Na parte inferior do sobrado há mais três espaços, onde ocorrem as atividades do centro cultural: a biblioteca comunitária Caio Fernando de Abreu, um espaço aberto, frequentado pela vizinhança, por pessoas que circulam pela região e pelos moradores da república e, também, onde ocorre o clube de leitura feminista e as aulas de inglês para crianças; a sala Vitor Angelo destinada para o curso de costura para pessoas transgêneros, realizado pelo coletivo de economia solidária TranSol; e a sala Claudia Wonder, *sala do paliativo*, onde são distribuídos roupas e produtos de higiene pessoal para as pessoas em situação de rua e para a vizinhança.

O galpão fica a três quadras do sobrado. É um espaço amplo com uma grande sala central, três salas do lado esquerdo onde são realizadas as atividades do centro cultural e um ateliê, e uma cozinha do lado direito. Todos esses espaços levam os nomes de *grandes mulheres do movimento LGBT*: o ateliê Renata Carvalho, o salão de atividades Leci Brandão, as salas de aula Symmy Larrat e Jaqueline Gomes de Jesus. A sala central é repleta de objetos, decorações, pinturas e papéis informativos, que foram produzidos nas atividades educacionais, artísticas e culturais realizadas ali. Na parte superior do galpão, há mais três salas onde eram feitos os atendimentos psicoterapêuticos aos moradores e moradoras da república de acolhimento e a outras pessoas em *situação de vulnerabilidade social e econômica*, realizados pela equipe de psicólogas e nutricionistas da Clínica Social da Casa 1. Recentemente os atendimentos da Clínica passaram a acontecer em outro prédio, que fica no quarteirão em frente ao sobrado. Trata-se de um espaço grande com várias salas onde são atendidas cerca de 150 pessoas.

Conforme disse Bruno, um dos organizadores da Casa 1, no curso de formação para voluntários⁴:

o centro cultural da Casa 1 é um espaço aberto para a rua. O nosso exercício parte de dois objetivos bem claros. Primeiro, criar um espaço de segurança para a vizinhança. O exercício é entender como é que a gente cria diálogo com os vizinhos, como que a gente estabelece um reconhecimento desse equipamento e desse espaço. E assim fazer com que o projeto seja reconhecido como pertencente a essa comunidade. Sobretudo, o desejo é de criar um espaço de segurança para que as moradoras e moradores da república possam ir na padaria e não sejam agredidas, por exemplo. Que essas pessoas sejam reconhecidas como membros parte dessa vizinhança. O segundo objetivo do centro cultural é fazer trabalho de base para que a gente crie um espaço de diálogo possível com todos os públicos que tentamos acolher. Desse modo, realizamos todas atividades do centro cultural pensando nas demandas dos moradores e moradoras, da vizinhança, das crianças, do público que frequenta esses espaços (Bruno, organizador da Casa 1. Curso de formação para voluntários, agosto de 2018. Fonte: Caderno de Campo do autor).

Esses dois modos de construir os espaços que compõem a Casa 1 têm como objetivo produzi-la, então, como lugar de *pertencimento*, de *reconhecimento*, de *segurança*, de *diálogo* e de *acolhimento*, tanto para os moradores e moradoras da república, como para as pessoas que frequentam o centro cultural. De um lado, há uma preocupação em fazer dos espaços do centro cultural *lugares abertos e visíveis* para que as pessoas que os frequentam reconheçam a Casa 1 como *parte da comunidade* e também *se sintam parte* dela. Além disso, esse modo de conceber os espaços do centro cultural objetiva o *reconhecimento* da comunidade vizinha de que os jovens mo-

⁴ Esse curso é realizado mensalmente no galpão da Casa 1 com o intuito de formar novos voluntários que desejam fazer parte das atividades vinculadas ao centro cultural.

-radores da república de acolhimento *pertencem* a esse lugar. De outro lado, suas práticas estão atentas para a feitura de espaços que sejam lugares de *diálogos* cujo objetivo é atender as demandas e necessidades das pessoas que ali estão diariamente. Nesse sentido, é por meio do exercício contínuo e cotidiano de tornar seus espaços *visíveis* e *abertos* que a Casa 1 “faz política”. É sobre essa política de *visibilidade* e *abertura* que tratarei neste artigo.

Embora o espaço da república de acolhimento não esteja apartado desse modo de fazer política, uma vez que é importante que a vizinhança *reconheça* os seus habitantes como *parte da comunidade*, não falarei detidamente desse lugar. Mesmo produzidos por meio de políticas distintas⁵, esses espaços não são, contudo, produzidos como oposições. Não são opostos porque para que as pessoas da república sejam *parte da comunidade* é preciso, ao mesmo tempo, a feitura de espaços abertos e visíveis para essa comunidade vizinha, onde elas se *reconheçam* como *pertencentes* a eles. Em um mesmo sentido, todas as atividades produzidas nos espaços do centro cultural são feitas pensando, também, nas *demandas* e *desejos* dos moradores e moradoras da república. Dessa forma, esses espaços estão em uma ligação necessária e coextensiva que promove modos de *acolhimento* e *pertencimento* de uma multiplicidade de gentes. São *espaços* que se retroalimentam.

Essa política da Casa 1 é menos uma política de *acolhimento* para os jovens LGBTQI+ e mais uma “política de alianças” que a entrelaça com uma multiplicidade de pessoas, desejos, expectativas, necessidades e afetos. Dessa maneira, gostaria de discutir neste artigo como a visibilidade e a abertura operam uma série de conexões entre a Casa 1 e seus habitantes, os quais são se restringem aos moradores e moradoras da república. Dizendo de outro modo, quero mostrar como a Casa 1 é um lugar *para todo mundo*, como sugeriu o homem que esperava para pegar roupas na sala do paliativo. Para isso, na primeira parte do artigo busco descrever como a constituição dos espaços *visíveis* e *abertos* implica a Casa 1 em uma série de relações que extrapolam sua circunscrição espacial. Na segunda parte, pretendendo mostrar as maneiras que a ONG se alia a vizinhança mediante relações de consideração e afeto. As descrições das práticas cotidianas da Casa 1 serão importante artifício textual para mostrar como a política operada nesse contexto pode ser aproximada da “política de aliança” sugerida pela filósofa Judith Butler. Butler (2018: 65) argumenta que a “condição precária” de pessoas que “não se reconhecem como pertencentes uns aos outros” produz alianças potenciais entre elas. A precariedade é uma condição econômica e social e não uma identidade. Num sentido parecido, a *política de porta aberta* da Casa 1, antes de reivindicar uma luta por identidade, promove inúmeras alianças entre ela e os múltiplos *públicos* que compõem seus espaços. Dessa forma, descrevo no que se segue, as formas como a Casa 1 estabelece suas alianças, a partir de dois princípios operadores de sua política: *visibilidade* e *abertura*.

A sala do paliativo

Encostado na porta do paliativo numa manhã de sol intenso depois de uma noite chuvosa, comecei a conversar com Dona Aurora. Ela me contou que por conta das fortes chuvas da noite anterior, as pessoas em situação de rua tinham perdido todas as suas coisas. *A chuva foi tão forte que levou todas minhas roupas, cobertas, travesseiro. Ainda bem que vocês abriam agora de manhã, vou tentar achar roupas pra mim porque estou sem nenhuma.* Nesse dia, muitas pessoas que passaram por lá me disseram que haviam *perdido tudo* com as chuvas. Cristina me disse que mesmo quem mo-

⁵ Enquanto os espaços do centro cultural são feitos por meio de uma política de *visibilidade* e de *abertura*, o espaço da república de acolhimento é pensado por uma política de *segurança*. A república é um lugar restrito aos seus moradores e suas moradoras como uma forma deles/as se sentirem *seguros* e *protegidos*. Nesse lugar a relação com o que está fora ocorre de outras maneiras. Como me proponho a pensar essa política de visibilidade e abertura, não será discutido ao longo do texto as dinâmicas e relações produzidas nesse lugar.

-rava nos albergues⁶ tinha perdido suas coisas: *A água subiu tanto que levou tudo. Os velhinhos que acordaram no meio da noite não conseguiram salvar nada. Perderam tudo mesmo.* Devido a essa condição climática, o número de pessoas que foram até o paliativo nas semanas seguintes aumentou. Se antes quem frequentava esse *espaço* era, principalmente, as pessoas em situação de rua da região e da vizinhança da Casa 1, nesse momento apareceram pessoas de outras regiões do centro de São Paulo.

De maneira geral, as roupas entrelaçam não apenas a Casa 1 e as pessoas que vão no *paliativo* buscá-las. Conectam também pessoas e histórias que estão envolvidas diretamente com quem frequenta esse espaço. Cristina não pegou apenas roupas para ela esse dia. Ela levou duas peças de roupa para uma senhora do albergue que havia perdido tudo mas que não conseguiria ir até a Casa 1. *Fiquei com muita pena dela. Vou levar pra ela ter uma roupa pra vestir depois*, contou Cristina. Esse mesmo modo de se apropriar da sala do paliativo é feito por muitas outras pessoas em situação de rua ou que moram em albergues. Elas pegam roupas para seus *parceiros de maloca*⁷, para seus filhos e filhas ou para seus maridos e esposas. Esse é o caso de Idelma que semanalmente vai ao paliativo procurar roupas e lençóis brancos para seu namorado que está preso. Ela me contou que namorava ele a pouco mais de dois meses e que sempre que podia levava comida e lençóis para ele na cadeia. *É muito difícil achar lençóis brancos pra levar né?*, disse-me ela. Concordei com ela e me dispus a guardar um lençol caso chegasse na próxima semana. *Por favor, faz isso pra mim. Os policiais não deixam entrar com lençóis de outras cores.* Depois de algumas semanas Idelma me contou que havia terminado com seu namorado porque ele *fez uma sacanagem*. Ele havia adquirido uma dívida na prisão por causa de jogo e pediu para que ela pagasse, o que fez com que ela terminasse com ele.

Além dessas relações indiretas, esse espaço *aberto* e *visível* assume relações diretas com as pessoas que o frequenta. Estava certo dia etiquetando livros na biblioteca quando Leia chegou e me perguntou quando abriria a sala do paliativo. Disse que abria as duas da tarde e como já era próximo desse horário, ela resolveu esperar ali. Depois de alguns minutos de conversa, ela me disse que precisava muito pegar roupas no paliativo porque iria até o Poupatempo fazer seus documentos pessoais. Leia havia saído da cadeia a pouco mais de um mês e estava morando na rua, enquanto procurava um emprego. *Não é fácil ser travesti e ter sido presa. Vou pegar umas roupas aqui e depois vou na casa da minha amiga tomar um banho. Tenho que fazer meu RG para tentar conseguir um emprego*, disse ela. Assim como para Leia, muitas outras pessoas vão ali pegar roupas para fazer uma entrevista. Ou para ir ao médico, para trocar a roupa suja que estão usando a dias, para *fazer um bico*, para sair com o namorado ou namorada. Os motivos se multiplicam.

Nesse sentido, essa política de *visibilidade* e de *abertura* tem como efeito implicar a Casa 1 em uma multiplicidade de relações que se espalham nos diferentes modos de vidas das pessoas. A porta aberta da sala do paliativo não só ajuda nas várias *demandas* e *necessidades* das pessoas, como também produz, de modo decisivo, os *espaços* da Casa 1. Se, como sugere Deleuze e Guattari (1997: 105), o território é um ato, esse ato só se faz mediante alianças estabelecidas com as pessoas. Nesse agir, que é coletivo, não existe um sujeito coletivo previamente estabelecido, ele se produz de modo plural. Consequentemente, os espaços da Casa 1 se constituem num entrelaçamento com as distintas histórias, desejos, necessidades das pessoas que passam ali diariamente. Há uma multiplicação e replicação das relações e apropriações que são costuradas pela Casa 1 e pelas pessoas em seu convívio cotidiano. Relações que se intensificam ou enfraquecem de acordo com os acontecimentos.

6 Albergues são lugares públicos onde pessoas em situação de rua passam a noite. Nesses lugares as pessoas só podem dormir e tomar banho e deixar seus pertences. Durante o dia eles precisam sair e só podem retornar à noite.

7 *Malocas* são os lugares que pessoas em situação de rua constroem para dormir. Geralmente são feitos com pedaços de pau e um saco preto de plástico. Dentro delas algum colchão ou cobertores. Algumas vezes as *malocas* são barracas de acampamento. Quem me explicou o que eram *malocas* foram dois moradores de rua que vão com bastante frequência na sala do paliativo.

Como tem argumentado uma certa discussão antropológica, a política, em diferentes contextos, “é vivida sobre os múltiplos significados assumidos e os diferentes modos de envolvimento dos agentes” (COMERFORD & BEZERRA, 2013: 487). A política é entendida de forma procedimental e, por isso, sua produção ocorre por meio de “práticas” e “funcionamentos” em contextos específicos⁸. A porta aberta e visível é o modo como a Casa 1 se envolve na vida dessas outras pessoas. Nessa prática cotidiana costura-se modos de existências heterogêneos com espaços que se fazem continuamente.

Dias depois daquelas fortes chuvas contadas acima, os albergues sofreram problemas estruturais e muitos deles acabaram fechando. Esse processo de fechamento dos albergues e refeitórios públicos não ocorreu apenas devido a este motivo. Uma pessoa que morava num desses albergues públicos com sua esposa me contou que desde janeiro muitos desses lugares haviam sido fechados. *Desde que esse governador entrou muitos albergues aqui do centro fecharam. O que eu morava fechou, agora estamos na rua*⁹. Dias depois que muitos desses centros de acolhida públicos anunciaram seu fechamento, a Casa 1 lançou um anúncio em sua página do Facebook sobre o ocorrido, o qual destaco o seguinte trecho:

Como esperado, estamos sentindo as mudanças no cotidiano: o número de atendimentos do espaço para distribuição de roupas e produtos de higiene pessoal duplicou. Os pedidos de acolhida também aumentaram significativamente, assim como a busca por alimentação. Na outra ponta, empresas tem estado temerosas de se posicionar ou apoiar projetos publicamente e desapareceram por completo em um momento crucial. Ou seja, nossas reservas financeiras seguem minguadas e o trabalho só tem aumentado. E é por isso que pedimos ajuda a todos e todas na assinatura do nosso financiamento coletivo recorrente, contribuindo para que nossas portas sigam abertas para atender e acolher todo mundo (CASA 1, 2019a).

Essa nota explicita de modo significativo o que é essa política de *visibilidade e abertura*: as políticas produzidas pela Casa 1 estão necessariamente em conexão com os múltiplos *públicos* que compõem seus *espaços*. A visibilidade não se faz apenas nos espaços físicos da Casa, ela se estende para seu espaço virtual. O dinheiro do financiamento coletivo e as doações recebidas não são direcionados apenas aos gastos com os jovens que são *acolhidos* na república. É com esse dinheiro que a Casa 1 conseguiu abrir o Galpão onde acontecem todas suas atividades e onde, também, se localiza a cozinha, em que se faz refeições para as crianças e outras pessoas que ali frequentam diariamente. É o local no qual pessoas em situação de rua, especialmente travestis, conseguem descansar num *lugar seguro*. Assim como a verba do financiamento coletivo permite que se compre os produtos de higiene distribuídos para as pessoas que vão até o paliativo, as doações permitem que se distribua roupas para pessoas em situação de rua e se produza as refeições diárias. Dessa forma, nas muitas formas de publicização do que acontece na Casa 1, as *demandas e necessidades acolhidas* não são restritas ao público LGBTQ, elas se expandem a todas as outras pessoas que fazem os *espaços* da Casa cotidianamente.

Percebi como esses dois operadores políticos (*abertura e visibilidade*) funcionavam de modo decisivo no trabalho cotidiano de *atender* as pessoas nos espaços da Casa. Participar como voluntário dos diferentes *espaços* do centro cultural me permitiu ver como há um imbricamento entre Casa 1 e as histórias, desejos e necessidades das pessoas. Mais do que um discurso institucional, essa política de *visibilidade e abertura* é feita nas práticas e ações cotidianas. Em meio a costuras sutis e diárias nos *espaços* do centro cultural, criam-se relações e apropriações que se

⁸ Buscando se afastar da antropologia política que entende a prática política dentro de um domínio específico ou de um processo extrínseco, essa discussão antropológica sobre política, segundo Goldman (2000: 327) analisa quais procedimentos e mecanismos estratégicos são efetivamente postos em ação pelas pessoas no processo de fazer política. Ou então, como aponta Villela (2009: 209), é preciso analisar os modos como políticas são fabricadas nos contextos particulares, em vez de entender política a partir de um núcleo duro ou de um centro de poder.

⁹ O governador João Dória (PSDB) assumiu o governo Estado de São Paulo em janeiro de 2019.

multiplicam, replicam, desfazem a todo momento. Consequentemente, essa política é feita, sobretudo, nas potências e resistências da vida cotidiana.

É essa forma de fazer política que a todo momento é tornada visível. Após a eleição de Jair Bolsonaro (PSL), houve uma grande procura da imprensa para a realização de entrevistas sobre *como a comunidade LGBT está com medo no governo Bolsonaro*. Como resposta a esses convites, a Casa 1 disse que não daria mais entrevistas falando sobre o novo presidente porque as reportagens não se interessavam *com tudo que envolvia o trabalho cotidiano ali*.

Precisamos deixar uma coisa clara: medo a gente tem todo dia quando acorda, desde sempre. Vivemos em um dos países em que mais se matam pessoas LGBT no mundo, convivemos diariamente com notícias de mortes, espancamentos e toda sorte de crimes hediondos. Ter Jair Bolsonaro como presidente é um pesadelo. Durante mais de uma década ele foi responsável por incitar o ódio a pessoas LGBT, por reproduzir em rede nacional o que ouvimos na ruas todos os dias. Porém, ao escolher Damares Alves como Ministra da "Mulher, da Família e dos Direitos Humanos", o governo foi estratégico e colocou em prática o que anunciamos diversas vezes - atacar pautas específicas de diversidade e direitos humanos como estratégia promover projetos de sucateamento das políticas que impactam de forma ainda mais crítica tanto as "comunidades LGBT" quanto outros grupos minorizados. É evidente que existe um ataque a estas comunidades. E ao realizar recorrentemente matérias sobre como a comunidade (no singular) vem sendo atacada por declarações esdrúxulas estamos reforçando o discurso de que, de uma hora para outra, passamos a viver em um estado de sítio quando, na realidade, já nos é corrente. Criam-se pautas-espetáculo que nem sequer contemplam a diversidade da população ou efetivamente como tem se realizado estes ataques. Vale lembrar que apesar das nossas tentativas sistemáticas de, ao longo do casamento coletivo realizado em dezembro, alertar que a união civil era apenas a ponta do iceberg, e, à exceção dos veículos Brasil de Fato e Uol, não tivemos nem resquícios das nossas falas sobre a precarização das leis trabalhistas, das políticas de demarcação de terras indígenas, da flexibilização de legislações ambientais, do desmonte do Sistema Único de Saúde, do ataque à educação pública. Entendemos, neste sentido, que todas estas são pautas fundamentais de se entender, apoiar e lutar por, assim como todas devem ser compreendidas como fundamentais para esta "comunidade LGBT com medo" que tanto buscam os jornalistas. Precisamos sim falar sobre a comunidade LGBT e sobre os ataques, mas precisamos falar sobre a perda de direitos em sua complexidade. Tendo em vista todos esses pontos, a partir de agora, falaremos apenas com veículos que tiverem interesse em, efetivamente, falar sobre a comunidade LGBT e a violência que sofremos em uma pluralidade de perspectivas e debates e não apenas em matérias de busca de audiência e espetáculo (CASA 1, 2019b).

Trata-se, então, mais do que uma política LGBTQI+ de *acolhimento*. É uma política que age em composição com muitas outras existências. Quando Bruno diz no curso de formação voluntária (*vide* introdução) que o objetivo da Casa 1 é ser um *espaço aberto para a rua*, onde as pessoas se *sentiam pertencentes* a ela, não me parece existir uma busca pela produção de uma relação inescapável com as pessoas. Como se o *pertencimento* fosse algum tipo de prática que produza uma identidade substancial e essencial entre as pessoas e a Casa. Ao contrário, parece-me justamente que *fazer parte* é um modo de conjugar uma multiplicidade de pessoas, *necessidades e desejos* nas suas ações e práticas políticas. Afinal, *aqui é pra todo mundo*.

Essa política de *abertura e visibilidade* é estendida para todas as outras atividades realizadas nos *espaços* do centro cultural. Nas atividades para as crianças, nas aulas de línguas estrangeiras, nas aulas do cursinho preparatório para o Enem, nos eventos, nas aulas de costura e de luta, assim como nos atendimentos da Clínica Social e nas relações com a vizinhança. Nesse sentido, é possível argumentar, que a persistência da Casa 1 está nas ligações para fora e não para dentro. O dentro é sempre modificado. Ele é diferenciado por múltiplas relações estabelecidas cotidianamente. E o fora não é uma oposição aos *espaços* da Casa, ao contrário, ele os compõe diariamente. Com efeito, é nessa inescapável relação com o fora que a política de abertura e visibilidade opera. Cristina só conseguiu ajudar o casal de senhores que perderam tudo devido a

chuva porque a sala do paliativo é aberta para todo mundo. Além disso, ao levar roupas para o casal, Cristina tornou a Casa 1 um lugar conhecido, ou visível, para outras pessoas. A abertura e a visibilidade operam assim como princípios que multiplicam e amplificam as relações da Casa 1 com o que está fora. Relações que são alianças que fazem e desfazem cotidianamente. E que a todo momento modificam os espaços de dentro.

Compreendo, assim, não ser possível pensar a Casa 1, um *espaço aberto para rua*, em oposição com o que é exterior à ela, justamente porque sua política de *abertura* e *visibilidade* se faz ao congregar todas as pessoas que se apropriam de muitas formas dos seus espaços. Evocando o trabalho de Da Matta (1997: 8), em que ao pensar na relação “casa versus rua”, ele argumenta que o espaço da casa “somente se define e deixa apanhar ideologicamente com precisão quando em contraste ou em oposição a outros espaços e domínios”. De modo distinto, não me parece interessante pensar os espaços da Casa 1 em oposição ao fora, uma vez que as pessoas desses muitos espaços estão em relação de coexistência com ela¹⁰. Embora os espaços do centro cultural não sejam entendidos no sentido familiar de “casa”, não se pode perder de vista que o espaço de acolhimento é constituído como a *casa das pessoas* e a feitura dele está diretamente imbricada nessa política de visibilidade e abertura operado nos espaços do centro cultural. Como disse na introdução, a produção de espaços visíveis e abertos tem como objetivo estabelecer relações de proximidade entre os moradores e moradoras da república e a vizinhança. Não tratarei dessas relações aqui. Apenas quero argumentar que, como efeito dessa *política de portas abertas*, as pessoas que frequentam os espaços do centro cultural estão numa mesma relação de coexistência com a Casa 1 que os moradores/as da república de acolhimento.

Devido, então, à constituição de um *espaço aberto para rua*, as pessoas se apropriam de muitas formas dos espaços da Casa 1. Seu Antônio só conheceu o espaço do paliativo porque um amigo que morava no mesmo albergue disse a ele. *É a primeira vez que venho aqui. Depois que meu amigo contou que existia esse lugar, eu vim pra tentar achar um sapato e uma camisa. É sempre bom ter uma para procurar emprego*, disse ele. De modo parecido, Fernanda e Joice também haviam conhecido a Casa 1 por outras pessoas. *A gente ficou sabendo daqui ontem. Nós moramos na Casa Florescer¹¹ e como estamos sem roupa quase, viemos procurar algumas aqui*, contou Fernanda. Percebe-se, com efeito, que a *visibilidade* e *abertura* dos espaços produzem um espalhamento da existência da Casa 1 e, como efeito disso, uma multiplicidade de relações e apropriações dos espaços da ONG passam a co-habitar eles. É uma política que tem como efeito um espraiamento e uma amplificação das possibilidades de ligações entre a Casa 1 e as pessoas. São micropolíticas¹², como sugerem Deleuze e Guattari (2012: 99), que produzem uma multiplicidade de vinculações e agenciamentos entre as pessoas e os espaços. Por meio dessa política, a Casa 1 é feita cotidianamente como uma composição de pessoas, desejos, demandas, necessidades e expectativas.

10 Em sua interessante etnografia, Yara Alves (2018) analisa como os quilombolas de Minas Novas, região situada no Alto Vale do Jequitinhonha, se relacionam com o que é exterior às suas casas. Inspirada nas discussões de Carsten & Hugh-Jones (1995), Alves mostra como as casas e as vidas dos quilombolas estão imbricadas com o “mundo”. “O mundo, caracterizado como desconhecido, vasto e indeterminado, é um agente nas vidas e nas casas das pessoas” (2018: 201). Antes de ser alguma coisa oposta às casas, “o mundo é vivenciado cotidianamente em uma relação porosa com as casas [das pessoas]”.

11 a Casa Florescer é um centro de acolhida público da cidade de São Paulo que acolhe travestis e transgêneros.

12 Segundo Deleuze & Guattari (2012: 111), a política “opera por macrodecisões, escolhas binárias e interesses binarizados; mas o domínio do decidível permanece estreito. E a decisão política mergulha necessariamente num mundo de microdeterminações, atrações e desejos, que ela deve pressentir ou avaliar de um outro modo”

Vizinhança

Se, por meio do espaço do paliativo, a política de visibilidade e abertura promove uma proliferação de apropriações e relações entre a Casa 1 e as pessoas que a frequentam, na relação com a vizinhança essa mesma política estabelece ligações de *confiança*, *consideração*, *ajuda* e *afeto*. Como disse na introdução, um dos objetivos da *política de portas abertas* da Casa 1, é garantir que as pessoas *reconheçam* a Casa 1 como *parte da comunidade*. Espera-se com isso que a comunidade vizinha se sinta parte dos diferentes espaços da Casa e, sobretudo, que ela reconheça os e as jovens LGBTQI+ da república como parte daquele lugar. De fato, como pude perceber, há um estabelecimento contínuo de vinculações entre a ONG e seus vizinhos. Vínculos que se fazem de muitas maneiras no cotidiano, por meio de relações sutis e casuais, e que envolve motivações e afetos distintos. Uma certa discussão antropológica tem mostrado como vínculos entre vizinhos são primordiais nos modos como a vida é vivida. Almeida (1986: 12) e Postigo (2010: 183-4) descrevem como seringueiros amazônicos e moradores do Rio Bagé estabelecem relações com seus vizinhos a partir de um certo princípio: o ato de “vizinhar”. Vizinhar é o compartilhamento de carne, segundo Postigo (*ibidem*: 183), entre “aqueles que mantêm uma relação de reciprocidade”. Entre os moradores do Rio Bagé, vizinhar é tanto um “ato de generosidade quando um “ato de respeito e de confiança”. Na realização desse ato, Postigo (*ibidem*: 184) diz que a “vizinhança visa justamente eternizar uma relação e nunca encerrá-la”. Embora, por um lado, seja interessante aproximar esse modo de se relacionar dos moradores do Rio Bagé e dos seringueiros amazônicos, por outro lado, me parece interessante compreender as relações da Casa 1 com os vizinhos não apenas como modos de eternizar. Entendo que a *política de porta aberta* não apenas visa “eternizar relações” com a vizinhança. Mais do que isso, ela parece estar preocupada em produzir, cotidianamente, muitas possibilidades de ajuda, seja por meio de doações pontuais, seja pela realização de atividades demandadas pela vizinhança. Dizendo de outro modo, o que é imprescindível nessa política é o estabelecimento de alianças entre a Casa 1 e seu entorno, sejam elas alianças provisórias ou contínuas.

Dona Rosa, uma das organizadoras da Casa 1, tem papel fundamental no estabelecimento dessas relações. Ela mora no bairro há muitos anos e foi passando diariamente em frente à ONG que ela a conheceu. *Sai de um centro de acolhida no qual trabalhava e não foi fácil ter saído de um trabalho, mas muito fácil entrar nesse*, disse ela. Por morar na vizinhança ela tem uma relação muito próxima com os vizinhos e é ela que intermedia boa parte das relações da Casa 1 com eles.

Eu moro vizinha aqui da Casa, tenho três filhos e eles estão sempre lá no galpão. Débora, enquanto escolhia roupas na sala do paliativo, disse-me que conhecia a Casa 1 desde sua inauguração e sempre que possível ajudava os meninos dobrar as roupas. Por morar na vizinhança, seus filhos frequentam diariamente o Galpão.

Eu gosto que eles vão lá. Melhor do que na rua. Eu sei onde eles estão, com quem estão. Na rua a gente nunca sabe com quem eles estão. Lá eles aprendem computação, brincam, comem. E eu nem sabia que eles davam comida lá. Uma vez desci pra chamar Jonatas pra comer e ele me disse “de novo”. É ótimo eles estarem lá (Caderno de Campo, 17 de maio de 2019).

Depois que passamos um tempo ali com ela escolhendo roupas enquanto eu pendurava outras, Dona Rosa chegou e Débora foi conversar com ela:

Débora: Dona Rosa, Eu queria pedir uma coisa pra senhora. Perdi o emprego esses dias e agora to correndo atrás de outro, queria saber se a senhora não tem papel higiênico, sabonete, sabão pra me doar, eu to até com vergonha de pedir isso.

Dona Rosa: Não precisa ter vergonha não. A gente tá aqui pra ajudar no que for possível.

Débora: Eu não vou ter algumas coisas pra te dar porque também to tendo que comprar ali pra cima. Mas vou ver o que tenho e te dou.

Dona Rosa: Obrigado Dona Rosa, qualquer coisa vai ser de grande ajuda.

Dona Rosa subiu até a sala onde estão os alimentos e outros produtos da república de acolhimento e voltou com duas sacolas cheias e deu pra Vanusa. Essa relação de *ajuda* com a vizinhança é estabelecida cotidianamente com muitas outras pessoas. É muito comum as pessoas que moram próximas à Casa 1 pedirem *doações* para Dona Rosa. Além disso, os vizinhos estão diariamente nas atividades ou então comendo no Galpão, procurando roupa nas sala do paliativo, realizando empréstimos de livros na biblioteca. É por meio de relações íntimas e diárias que os espaços da Casa 1 vão sendo feitos. Além disso, Dona Rosa estabelece relações de *confiança* e *consideração* com os comerciantes vizinhos. Alguns produtos que são comprados tanto para os espaços do centro cultural como para a república de acolhimento são pagos por ela depois, quando o dinheiro do financiamento coletivo chega. *Nós temos umas pessoas que sempre ajudam a gente e assim vamos seguindo*, disse-me ela. Assim, essas relações de *consideração*, de *confiança* e de *ajuda* não ocorrem de modo unilateral. Ao mesmo tempo que a Dona Rosa ajuda a vizinhança *no que pode*, a Casa 1 também é ajudada.

Da mesma forma que a Casa 1 se produz de modo coextensivo nas relações com as pessoas em *situação de rua* que frequentam a sala do paliativo, ela também se constitui nas relações com seus vizinhos. Na feitura dessas alianças com os vizinhos, a Casa 1 compõe sua existência. Dessa forma, aqui me parece que a política de *visibilidade* e *abertura* opera em outro sentido: ela busca produzir uma relação de *reconhecimento* e de proximidade da comunidade vizinha com a Casa 1. Em uma das manhãs em que estava no paliativo, Dona Lourdes chegou e perguntou-me se teria uma blusa branca grande pra ela ir à sua aula de ginástica. Disse-lhe que talvez a tivesse e passamos a procurar uma camiseta. Dona Lourdes contou que mora vizinha da ONG e que cria seu neto de 12 anos. Ela veio da Paraíba e mora há 59 anos em São Paulo. O neto sob sua guarda é filho de sua filha que faleceu com câncer. *Eu morava na periferia de São Paulo. Depois que minha filha morreu, eu vim morar no apartamento que era dela para cuidar do meu filho.* Depois de um tempo ali conversando com ela, perguntei se fazia tempo que ela conhecia a Casa 1 (cf. Caderno de Campo, 30 de outubro de 2018):

Dona Lourdes: Sim, conheço. Eu gosto muito das meninas e dos meninos daqui. Venho sempre aqui pegar roupas pra mim e pro meu neto. Eu uso sempre as roupas que as pessoas me dão porque nessa vida só tem eu e meu neto.

Jesser: E o que a vizinhança acha da Casa 1?

Dona Lourdes: Ah, todo mundo gosta muito, nunca vi ninguém falando mal não. Sabe, o problema das pessoas é que as cuidam muito da vida das outras. O que você e as pessoas fazem com a vida dela não me importa nenhum pouco. Eu tenho 5 dedos na mão e cada um deles é diferente do outro, porque eu vou querer que as pessoas sejam iguais? Eu tenho uma neta linda que é casada com um moço, linda também. Aí as pessoas da família começaram a falar um monte de coisas e ela virou e falou 'eu não to pedindo pra ninguém pagar minhas contas'. É isso mesmo, o importante é que elas são lindas e estão felizes.

Há, assim, relações de proximidade sendo costuradas todos os dias com a vizinhança. Ingold (2000, 176-7), ao analisar diferentes tipos de espacialidades, argumenta que os espaços estão sempre em “relações intensas” com as pessoas. Segundo o autor, uma casa, por exemplo, é um espaço que está sempre em alteração e construção por meio de múltiplos processos dinâmicos. Aproximando a Casa 1 desse modo de compreender a feitura de espaço, pode-se dizer que é em meio às relações intensas com a vizinhança que seus espaços devem ser entendidos. Como disse acima, o que é persistente nesses espaços é sua ligação com o fora. O dentro é sempre modulado e modificado. A vizinhança, portanto, também modifica os espaços da Casa 1.

As atividades voltadas para as crianças do bairro é um bom exemplo desse modo de pensar política. Seu João estava passando pela biblioteca enquanto eu varria a calçada; ele parou e disse-me:

isso que vocês fazem para essas crianças é muito importante. Eu moro aqui há muito tempo e se essas crianças não tivessem aí dentro, brincando, usando o computador, aprendendo, elas já estariam tudo mexendo com drogas. Eu sei disso porque tem muitas crianças daqui da vizinhança fazem isso isso (Caderno de Campo, 05 de novembro de 2018).

O uso dos espaços pelas crianças é recorrentemente dito pelos vizinhos como algo importante que a Casa 1 proporciona. Ali as crianças fazem refeições, brincam entre elas, usam os computadores, participam de aulas de inglês e de atividades para as férias. *Olha o lacinho de arco-íris que eu comprei. É pra ficar igual a Casa 1.* Liz entrou na biblioteca e me mostrou o laço com as cores do arco-íris que ela havia comprado. Junto com Liz, há muitas outras crianças que moram na vizinhança da ONG e que frequentam diariamente os *espaços* do centro cultural. Elas estão ali todos os dias e são elas que promovem movimentações mais intensas nos dias que se passam. Depois de dizer que tinha achado lindo seu laço, perguntei se ela gostava de ficar na Casa 1. *Eu gosto. Aqui todo mundo é igual né? É como se fosse a minha casa.* A fala de Liz mostra que esses espaços são apropriados de muitos jeitos pelas pessoas que ali estão, ao mesmo tempo eles provocam certos efeitos nesses pessoas. Assim, ao produzir costuras com a vizinhança, essa *política de portas abertas* promove uma série de relações e apropriações com os espaços da Casa. Relações que se aproximam mais de alianças possíveis e provisórias do que de relações eternas. O que há de constante nessa política é sua preocupação cotidiana em estabelecer conexão com o que está fora, e não sua substância.

É claro que já presenciei momentos de tensão com a vizinhança, especialmente entre quem trabalha no comércio local e as pessoas que vão pegar roupas no paliativo. Num desses momentos estava sentado na biblioteca quando ouvi gritos do lado de fora, saí pra ver o que estava acontecendo e um senhor veio em minha direção: *vocês ficam ajudando essas pessoas, tentando fazer uma coisa legal, e elas ficam aqui mexendo com a gente.* De forma exaltada ele virou para as pessoas que estavam ali esperando na fila do paliativo e disse *fala outra vez o que vocês disseram pra mim.* Comentando o que havia acontecido nesse dia com Dona Lourdes, ela disse que nunca ouviu ninguém falando nada a respeito da Casa 1 receber pessoas em situação de rua.

Eu acho que tem pessoas que se acham melhor do que as outras. Eu vim da Paraíba pra cá e não me acho melhor que ninguém. Sempre trato bem as pessoas, se um morador de rua vim conversar comigo, eu converso. Se ele me der a mão, eu dou também. Teve uma vez que eu deixei um morador de rua tomar banho em casa. Ele tava até se retorcendo por que tava muito sujo. Minha amigas falaram 'você tá louca de deixar ele entrar na sua casa'. Mas eu deixei, não sou melhor que ninguém. Ele saiu de casa outra pessoa depois de tomar banho (Caderno de Campo, 14 de fevereiro de 2019).

A despeito do que disse Dona Lourdes, a presença das pessoas em situação de rua gerou algumas reclamações da vizinhança. Um dos organizadores contou que já houve reclamações formais dos vizinhos junto à prefeitura devido à presença das pessoas em situação de rua na região. Por isso há também um esforço constante de estabelecer com a vizinhança. Como me alertou certa vez Dona Rosa, *a gente sempre tem que tentar não criar situações ruins com os vizinhos*. Ao estabelecer vínculos com os vizinhos, a Casa 1 costura uma multiplicidade de relações que compõem seus espaços distintos. Ação que atravessa todos esses espaços e promove muitas formas de alianças com aqueles e aquelas que fazem parte desses espaços. Alianças que, como sugere Butler (2018), se fazem entre pessoas com a mesma condição de *vulnerabilidade*, seja ela social, psicológica ou econômica.

Voltando à sugestão de Butler para pensar modos de ação e prática política, argumento que alianças feitas nos espaços da Casa 1 são com pessoas que experimentam uma sensação de “vulnerabilidade”. Antes de ser um sensação que estabiliza qual o sujeito que pode fazer parte da ação política, ela é algo que diferentes pessoas podem experimentar a qualquer momentos. É essa possibilidade que permite o estabelecimento de uma política de aliança. Segundo a autora (2018: 77), a aliança não é apenas uma “forma social futura”, justamente porque “ela implica uma relacionalidade social no pronome de primeira pessoa”, desafiando compreendermos a “insuficiência das ontologias identitárias” para pensar o problema das alianças. Agir em aliança não é um modo de colecionar de “identidades mas uma unidade ou uma montagem de corpos em aliança” (*ibidem*: 78). Sendo assim, uma política de aliança, segundo Butler:

busca construir luta mais generalizada contra uma sensação experimentada de precariedade, uma sensação experimentada ao mesmo tempo de modo plural e singular. Uma luta que exige uma vida igualmente possível de ser vivida, que também possa ser posta em prática por aqueles que fazem a reivindicação, e para que isso seja possível é preciso que haja uma distribuição igualitária dos bens públicos (BUTLER, 2018: 77).

É por meio de uma mesma condição de *vulnerabilidade* das pessoas que frequentam seus espaços diariamente que a Casa 1 estabelece suas alianças com a *sociedade civil* por meio do financiamento coletivo, com empresas privadas e com equipamentos públicos. As reivindicações realizadas pela Casa 1 são conectadas às várias *demandas* e *necessidades* dos seus *públicos em situação de vulnerabilidade*. A política de *visibilidade* e *abertura* opera aqui, portanto, de modo virtual com o objetivo de mostrar às pessoas como as práticas e ações se desenrolam no cotidiano da ONG. Tornar visível esses outros modos de existência é primordial para sua política de financiamento coletivo. Além disso, embora a sustentação financeira da Casa 1 se dê pelo financiamento coletivo e por parcerias pontuais com empresas privadas, outra forma de aliança importante é a estabelecida com os equipamentos públicos. Essa aliança com Unidades Básicas de Saúde (UBS), por exemplo, permite que os moradores e moradoras da república sejam atendidas de forma *respeitosa* e *segura*. Além das UBS, outro equipamento muito utilizado pela Casa 1 são os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Eles ajudam nos atendimentos de pessoas que a Casa 1 não dispõe de *suporte* para realizar. Andreia é uma travesti em situação de rua que está frequentemente no Galpão e que foi diagnosticada pelo CAPS com problemas psicológicos. *Eles deram uma caixa de remédios pra ela e ela trouxe aqui pra mim. Agora a gente guarda no armário e vamos dando pra ela tomar conforme ela aparece aqui*. Dona Alvina contou que participa de algumas reuniões com pessoas do Caps pra que eles conheçam a Casa 1 e, assim, se estabeleça uma *rede de relações* com esses equipamentos públicos. O caso de Andreia não é isolado, há outras pessoas que estão ali cotidianamente para quem os funcionários da Casa 1 tentam acionar equipamentos públicos a fim de que sejam atendidas. Assim, mesmo não existindo financiamento público no projeto da Casa 1, suas alianças com diversos setores públicos, longe de serem descartáveis, são essenciais.

Ao estabelecermos relações comerciais com grandes corporações nos reconhecemos dentro de uma estrutura capitalista vigente, porém não somos, de forma alguma, a favor de políticas econômicas neoliberais e da privatização de serviços públicos e de setores-chave da economia nacional. Esse é um dos posicionamentos principais tomados pela Casa 1 neste ano, após serem questionados sobre as políticas promovidas pelo atual governo federal e do estado. A *visibilidade* e a *abertura* implicam também a Casa 1 com setores públicos.

Nesse sentido, as alianças produzidas entre a Casa 1 e as pessoas que habitam seus espaços, bem como entre equipamentos públicos e empresas, caracterizam suas formas de fazer política. É uma política de *visibilidade* e *abertura* que acopla as *necessidades* e *demandas* de uma multiplicidade de pessoas em uma mesma condição de *vulnerabilidade*. Política que faz não por uma luta identitária, mas por “alianças” que envolvem vários agentes e suportes materiais e não-materiais. Aliança que se estende a todos os espaços e pessoas que compõem a Casa 1. Priscila, uma das organizadoras do coletivo TranSol, me disse que o projeto funcionava anteriormente numa Incubadora Pública de Economia Solidária e atendia cerca de 40 mulheres trans e travestis. Na troca da administração da prefeitura do então prefeito Fernando Haddad (PT) para João Dória (PSDB), o convênio não foi renovado e o projeto perdeu o espaço e o financiamento para sua continuação. Foi então *que a Casa 1 nos acolheu e cedeu esse espaço para a continuação do projeto*, disse-me ela. Devido à limitação espacial da sala, atualmente os organizadores do TranSol conseguem dar aula para apenas 5 pessoas. Assim, essa *política de porta aberta* produz um entrelaçamento cotidiano e contínuo entre as pessoas, empresas, equipamentos e suportes que compõem a Casa 1.

Considerações Finais

Ao longo do texto pretendi mostrar, a partir de elementos etnográficos, como a Casa 1 estabelece relações com diferentes pessoas através de uma política de *visibilidade* e *abertura*. Os espaços que a compõem são construídos como lugares *visíveis* e *abertos* com o objetivo de produzir relações de *reconhecimento*, *ajuda*, *consideração*, *confiança* e *acolhimento* tanto com quem está em volta da Casa (seus vizinhos, as pessoas que trabalham no comércio local, as crianças) quanto com pessoas que vêm de outras regiões da cidade de São Paulo (pessoas *em situação de rua* ou que moram em albergues). Como disse na introdução, as estratégias e táticas implicadas nessa política operam em todos os espaços que compõem a Casa 1. Assim, os espaços do centro cultural são feitos por meio de táticas que buscam acoplar as pessoas como *parte da Casa 1* ao mesmo tempo que espera-se que as pessoas da vizinhança reconheçam a Casa 1 bem como os moradores/as da república como *parte da comunidade*. Para que as pessoas se sintam *parte da casa* e para que a vizinhança reconheça os moradores/as da república como *pertencentes à comunidade*, há ligações contínuas entre a Casa 1 e seus múltiplos públicos nas estratégias utilizadas para construir os diversos espaços do centro cultural. Não é possível, assim, produzir um espaço *visível* e *aberto* a todos e todas, sem pensar em formas de *acolhimento*, *diálogo*, *segurança* e *reconhecimento*.

A *visibilidade* e a *abertura* como princípios norteadores da política da Casa 1 promovem um modo de agir de modo plural, em que múltiplos modos de existência estão ligados nas práticas cotidianas nesse lugar. Suas ações e práticas são feitas em composição. Uma política que se faz junto, de modo plural e heterogêneo. Construir uma imagem que não esteja circunscrita a um tipo específico de luta LGBTQ é o modo como sua *política de porta aberta* é processada. Nos seus procedimentos e estratégias de produzir suas políticas está envolvida uma série de relações que estão para além do acolhimento aos jovens LGBTQI+.

Quando pedidos de ajuda são solicitados pela Casa 1, seja em suas redes sociais ou no site do financiamento coletivo, todas as *demandas* e *necessidades* dos múltiplos públicos são acionadas. É uma *casa de viados*, como ouvi muitas vezes, mas uma casa que tenta *estender seus abraços o máximo possível para acolher todo mundo*, como me disse Dona Rosa.

Essa noção de *acolhimento* que envolve a feitura do espaço da república é expandida para todas as outras relações que compõem os *espaços* do centro cultural. Nessa expansão a Casa 1 se alia com seus vizinhos, com pessoas *em situação de rua*, com as crianças da vizinhança, com *equipamentos públicos*, com empresas privadas, com pessoas que doam no financiamento coletivo, com quem frequentam suas atividades, com seus voluntários e voluntárias e com os moradores e moradoras da república. É em meio a essas múltiplas alianças que seus espaços são produzidos. Alianças que estendem a Casa 1 a outros lugares e pessoas, ao mesmo tempo que a conectam a distintos *desejos, demandas, expectativas e necessidades*.

Butler (2018: 114) argumenta que “só agimos quando somos levados a agir e somos movidos por alguma coisa que nos afeta vindo de fora, a partir de outro lugar, das vidas dos outros”. Ao sofrermos essa afecção, a ação é feita. Parece-me justamente ser esse o efeito da política de *visibilidade e abertura*: ao produzir *espaços visíveis e abertos para a rua*, a Casa 1 implica-se em múltiplas afecções de diferentes pessoas. Nessa relação, seus espaços são modificados e são amplificados continuamente, seja quando novas *demandas e desejos* são acionadas pelas pessoas, seja quando novas relações e apropriações são estabelecidas por essas pessoas ou então seja quando a Casa 1 verbaliza suas práticas cotidianas por meio de suas redes sociais.

Assim, as ações políticas da Casa 1 são feitas, tanto em suas práticas cotidianas como em práticas virtuais, em composição com essas múltiplas pessoas. O que liga essas pessoas é sua condição de *vulnerabilidade, social, econômica ou psicológica*. E, segundo Butler (2018: 163), essa vulnerabilidade “nos implica naquilo que está além de nós e ainda assim é parte de nós”. Nesse sentido, como tentei mostrar ao longo do artigo, compreendo que essa política de *abertura e visibilidade* tem como efeito a feitura de múltiplas alianças com as pessoas que fazem parte do cotidiano da Casa 1. Nas costuras dessas relações, ações e práticas a *vida segue*. Mais que isso, a vida só é possível de ser vivida se for em conjunto. Em composição.

Por meio de sua política, a Casa 1 constitui seus espaços e suas ações de modo plural e coletivo. Seus espaços se entrelaçam com diferentes histórias, afetos e relações. E é nesse entrelaçar que a Casa se constitui e “faz política”. Como bem disse uma das pessoas na fila, *aqui é pra todo mundo*.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. “Redescobrimos a família rural brasileira”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 66-83, 1986.

ALVES, Yara. “Sob a luz e o calor do fogo: A criação entre os moradores de Pinheiro e as interconexões entre casas, famílias e corpos”. In: MARQUES, Ana Claudia Duarte Rocha e LEAL, Natacha Simeí. *Alquimias do Parentesco: casas, gentes, papéis, territórios*. Rio de Janeiro: Gramma/Terceiro Nome, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens ; revisão técnica Carla Rodrigues. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.

CASA 1. “Nos poucos dias de chuva que tivemos na cidade neste ano, alguns centros de acolhida da região central tiveram suas estruturas danificadas e suas portas fechadas”. São Paulo, 11 de Fevereiro de 2019 a . F a c e b o o k : C a s a 1 . D i s p o n í v e l e m : <https://www.facebook.com/1736463249938710/posts/2178603709057993/?d=m>. Acesso em: 12 de março de 2019.

_____. "Por favor, não nos convidem para matéria sobre o governo de Jair Bolsonaro e o 'medo da comunidade LGBT". São Paulo, 28 de Janeiro de 2019b. Facebook: Casa 1. Disponível em: <https://www.facebook.com/casaum/posts/2170058499912514?d=m>. Acesso em: 14 de março de 2019.

CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Stephen. *About the House: Levi-Strauss and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

COMERFORD, John Cunha; BEZERRA, Marcos Otávio. "Etnografias da política: uma apresentação da Coleção Antropologia da Política". *Análise Social*, 207, xlviii (2.º), 2013.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essay in livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge, 2000.

GOLDMAN, Marcio. "Uma teoria etnográfica da democracia: a política do ponto de vista do movimento negro de Ilhéus, Bahia, Brasil". *Etnográfica*. Vol IV (2), pp. 311-332, 2000.

POSTIGO, Augusto de Arruda. *A terra vista do alto: usos e percepções acerca do espaço entre os moradores do Rio Bagé, Acre*. Tese de Doutorado. PPGAS, Universidade de Campinas, 2010.

VILLELA, Jorge Mattar. "Família como grupo? Política como agrupamento? O sertão de Pernambuco no mundo sem solidez". *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, V.52 nº1, 2009.